

Logística da Oração

Como a meditação, a oração é uma prática devocional que precisa ser constante e fluente para obtermos progresso no discipulado e crescimento espiritual. Precisamos então desenvolver uma logística de oração, ou seja, precisamos estabelecer quando orar, com que frequência, por quanto tempo.

Quando vamos definir essa logística logo podem surgir pessoas que dizem que separam um tempo específico de oração, e outras que dizem que gostam de orar ao longo do dia. Outras pessoas gostam de orar em seu quarto, enquanto algumas pessoas preferem orar caminhando ou cercados pela natureza. Algumas pessoas preferem longas orações, e outras orações mais sintéticas e constantes. Afinal, tem receita pra isso?

Creio que é na equalização de dois modelos que vamos encontrar o equilíbrio para uma logística que possa não apenas nos dar coordenadas importantes, mas fazer da oração um hábito que nos molda dentro do estilo de vida do discipulado. Os dois servos de Deus que quero destacar são Daniel, o Profeta, e Paulo, o Apóstolo. O livro do profeta Daniel narra a vida desse homem piedoso, conhecido por seu caráter e sabedoria. Em um evento da vida de Daniel que o levou à cova dos leões (Dn 6), temos um retrato da vida de oração desse servo de Deus. Daniel separava três momentos específicos de oração ao Pai ao longo do seu dia. Todo dia, em três horários diferentes, Daniel ia para casa e se colocava de joelhos na presença do Pai para orar (Dn 6.10)

Creio que é muito importante termos um momento específico de oração em nossa agenda diária, por que se deixamos para orar ao sabor do desenrolar do nosso dia, podemos ter um dia ou até mesmo uma semana muito complicada e lá se foi nosso tempo de oração. É preciso fixar uma hora de oração para não cairmos na inconstância que muitas vezes nos arrasta para uma vida de oração improdutiva e estéril.

Mas separar um momento fixo de oração não vai suprir todas as nossas necessidades, pois à medida que nos levantamos do nosso momento de oração, no desenrolar do dia, novos eventos e necessidades vão aparecer e alguns deles podem e devem ser levados ao Pai em oração. Por isso, devemos ver o outro lado da rotina de oração no ensinamento de Paulo, expresso em sua Primeira Epístola aos Tessalonicenses, capítulo 5, verso 17: “Orai sem cessar!”. Devemos continuar orando ao longo do dia, falando com o Pai sobre diversas coisas, sempre deixando nosso coração exposto para que Ele possa nos confortar, nos guiar, nos fortalecer e nos preservar da tentação. Jesus ordenou a seus discípulos que sempre vigiassem e orassem, pois o espírito está pronto mas a carne é fraca (Mt 26.41). Não devemos simplesmente deixar para orar quando der, mas não podemos reduzir nosso relacionamento com o Pai ao momento de oração. O equilíbrio entre esses dois modelos vão nos mergulhar profundamente em um estilo de vida construído com oração.

Tão importante quanto a questão de quando orar, são os temas da duração e do lugar. No entanto, vou ser breve pois ambas são questões que um pouco de bom senso pode resolver. O lugar de oração deve ser um ambiente que possa te proporcionar solitude, privacidade, certa comodidade física (mas não muita para não dormir ou trazer um relaxamento excessivo) e alguma inspiração. Orar em nossa casa, em algum cômodo silencioso e sozinho, é a prática mais comum. Contudo às vezes para quebrar um pouco a rotina podemos orar em algum lugar cercado de belezas naturais que possam nos inspirar. Todavia, a questão do lugar deve obedecer às possibilidades que temos, obviamente.

Quanto ao tema de quanto tempo investir em oração, temos de ter em mente que a quantidade de tempo não significa necessariamente qualidade de relacionamento. O tempo de oração naturalmente se alonga à medida que nos aprofundamos nessa disciplina, por isso devemos focar que o tempo de oração seja primeiramente qualitativo, e conforme nossa prática se aprofundar, também será quantitativo. Separe um momento produtivo e ore!

Verticalidade e Horizontalidade

Costumamos pensar na oração apenas em seu aspecto vertical, ou seja, como um meio de relacionamento entre nós e o nosso Pai. De fato, esse aspecto da oração foi enfatizado pelo próprio Jesus, mas ao mesmo tempo há uma perspectiva da oração que é horizontal, onde oramos juntos diante do Senhor, como povo de Deus.

Existem alguns salmos que enfatizam essa realidade da oração comunitária, salmos que nascem dos momentos de oração do povo de Israel diante do Senhor, tanto nos períodos de confissão nacional quanto nos momentos de louvor comunitário que estavam intimamente associados às práticas de culto do templo. Um exemplo vivo dessa dimensão comunitária de oração são os salmos de romagem (Salmos 120 a 134) orados e cantados pelos israelitas enquanto esses subiam em caravanas para as festas do templo em Jerusalém. Esses salmos são cheios de expressões no plural, orações feitas em comunidade.

Na verdade, as dimensões vertical e horizontal da oração não devem se cruzar apenas nos momentos de culto, mas ao longo da nossa prática de vida de oração, à medida em que oramos com nossos irmãos na fé. Devemos adquirir o hábito de orar com outros discípulos, orando uns pelos outros e por causas comuns do Evangelho.

O hábito de orarmos juntos deve permear todas as nossas estruturas relacionais, desde amizades, namoros até a própria família. Ao orarmos juntos estamos aprendendo a orar uns com os outros, estamos fortalecendo nossa fé mutuamente, bem como aprofundando laços importantes entre nós e o próprio Senhor.

A oração deve então se equilibrar em torno desses dois momentos que não são excludentes mas complementares: a oração em solitude e a oração em comunidade. Não devemos orar somente quando estamos com o irmão, mas não devemos orar apenas sozinho.

Carta Náutica

Por fim, como já pudemos conversar o livro dos salmos é nosso grande guia na vida de oração. Obviamente existem orações dispersas ao longo de toda a Escritura, mas o livro dos salmos concentra as orações de diversos servos do Eterno ao longo de milhares de anos. Como notou Bonhoeffer, a grande maravilha dos salmos é o fato de serem ao mesmo tempo Palavra de Deus e palavra do homem.¹ Isso quer dizer que ao mesmo tempo em que o Senhor fala conosco por meio dos salmos, tomamos dos sentimentos, expressões e das palavras do salmista para nos dirigirmos ao Eterno em relacionamento franco e íntimo com o Senhor. Ou seja, oramos com os salmos, recitando-os em um diálogo com o Eterno.²

Contudo, para nos orientarmos nesse mar de emoções, de orações e de expressões precisamos de alguma ajuda, um mapa que nos ajude. Primeiro, o livro dos salmos é um dos livros das Escrituras conhecidos como livros poéticos. Isso quer dizer que para orarmos com os salmos precisamos abrir o coração para os sentimentos, metáforas, imagens e expressões que os salmistas utilizam para se derramar na presença do Eterno.³ Entre nos salmos com a mente atenta e o coração aberto, pois o salmista quer compartilhar com você mais do que ideias: ele está te convidando a se derramar na presença do Senhor.

Segundo, é muito útil conhecermos os tipos de salmos para que possamos nos aproximar deles com consciência de suas características. A grande referência no que diz respeito a classificação dos salmos foi o trabalho de Herman Gunkel (1862-1932), que foi posteriormente reelaborado por vários estudiosos. Podemos classificá-los em:

1- Louvor: 30, 31, 40, 66, 116, 138, 8, 19, 29, 33, 66, 103, 104, 113, 139, 145, 148.

2- Ações de Graças: 9, 10, 18, 30, 34, 116, 118, 138, 100, 113, 134, 150.

3- Lamento: 12, 60, 74, 79, 80, 83, 85, 90, 94, 123, 126, 137, 44, 74, 79, 83, 89.

4- Confiança: 4, 23, 27, 62, 73, 90, 11, 16, 121.

5- Sabedoria: 1, 10, 12, 15, 19, 32, 34, 36, 37, 49, 50, 52, 53, 73, 78, 82, 91, 92, 94, 111, 112, 119, 127, 128 e 139.

6- Entronização: 22, 46, 47, 93, 96-99, 24, 29, 48, 148.

7- Peregrinação: 120-134.

8- Diversos: 46, 48, 84, 87, 68, 8, 6.

Essa classificação não é completa e obviamente não há um consenso entre todos os intérpretes sobre em qual categoria se encaixariam determinados salmos. Entretanto, podemos lançar mão dessa ferramenta para nos movermos com maior consciência dos temas que estão nos salmos e nos apropriarmos deles com mais facilidade.

¹ BONHOEFFER, Dietrich. *Vida em comunidade* – 3. Ed. Rev. São Leopoldo: Sinodal, 1997, p.32

² VANGEMEREN, WILLEM A.: Psalms. In: GAEBELEIN, F. E. (org.): *The Expositor's Bible Commentary: Psalms, Proverbs, Ecclesiastes, Song of Songs*. vol. 5. Grand Rapids, MI : Zondervan Publishing House, 1991, p. 5

³ VANGEMEREN, WILLEM A.: Psalms. In: GAEBELEIN, F. E. (org.): *The Expositor's Bible Commentary: Psalms, Proverbs, Ecclesiastes, Song of Songs*. vol. 5. Grand Rapids, MI : Zondervan Publishing House, 1991, p. 8